

## A VARIAÇÃO DO FONEMA /R/ EM CODA SILÁBICA NAS CIDADES DE PATOS DE MINAS, UBERLÂNDIA E VARGINHA

*La variation du phonème /R/ en coda syllabique dans les villes de Patos de Minas, Uberlândia et Varginha*

*Leandra Batista Antunes\**

*Renata Lena de Lourdes\*\**

**RESUMO:** Este estudo investigou a realização fonética do /R/ em coda silábica (posição posvocálica) no falar das cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha. Partindo da hipótese de que em tais cidades se faz uso do retroflexo, segundo estudos anteriores, foi gravada a leitura de um texto e foi feita uma breve entrevista com falantes dessas cidades, verificando o uso do retroflexo ou de outras variedades fonéticas, a fim de descrever quais sons podem se realizar foneticamente na pronúncia do /R/ nessas cidades. Pelos dados analisados, observou-se a realização retroflexa do /R/ nas cidades de Uberlândia e Varginha, enquanto em Patos de Minas o uso mais frequente foi do som fricativo.

**Palavras-chave:** /R/ em coda silábica; realização retroflexa; realização fricativa; falar do Sul de Minas; falar do Triângulo Mineiro.

**RÉSUMÉ:** Cette étude a pour but rechercher comment se réalise le /R/ en coda syllabique dans l'accent des villes Patos de Minas, Uberlândia et Varginha. On suit l'hypothèse que dans ces villes on utilise le son rétroflexe, selon recherches précédentes. Ainsi, on veut décrire les sons réalisés phonétiquement dans la prononciation du /R/, s'il s'agit des sons rétroflexes ou pas. Pour le faire, on a enregistré la lecture d'un texte et une petite interview avec quelques personnes nés dans ces villes. À partir ces données, il a été vérifié que les sons rétroflexes sont utilisés dans les villes d'Uberlândia et de Varginha, mais dans la ville de Patos de Minas l'usage plus fréquent est du son fricative.

**Mots-clés:** /R/ en coda syllabique; réalisation rétroflexe; réalisation fricative; accent du Sul de Minas; accent du Triângulo Mineiro.

---

\* Professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais.

\*\* Licenciada em Letras e Bacharel em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Ouro Preto.

## Introdução

A variação linguística pode ser estudada sob diversos aspectos. Um deles é o aspecto regional, pois a forma de falar em determinada localidade ou região é diferente da forma de falar em outra localidade ou região. Isso é perceptível mesmo para ouvintes não treinados, que observam diferenças de sotaques ou de palavras faladas por pessoas de outras comunidades de fala. No campo científico da sociolinguística, o estudo da variação diatópica (como se fala em determinadas localidades) tem considerado as diferenças entre os falares do estado de Minas Gerais.

Um dos aspectos que chama a atenção na fala mineira de algumas localidades é a realização fonética do /R/ em coda silábica<sup>1</sup> como retroflexo, som popularmente chamado de “R caipira” e foneticamente representado pelo símbolo [ɻ]. Essa realização retroflexa do /R/ foi atestada em diversos trabalhos (NASCENTES, 1953; COUTO, 1974; ZÁGARI et. al., 1977) nas regiões sul do estado e no Triângulo Mineiro, enquanto nas outras regiões do estado o som retroflexo não ocorre.

Buscando conhecer com mais precisão a realização fonética do /R/ em coda silábica, o objetivo deste artigo é descrever a pronúncia utilizada para o /R/ em três cidades mineiras: Uberlândia, Patos de Minas e Varginha, duas delas situadas no Triângulo Mineiro (Uberlândia e Patos de Minas<sup>2</sup>) e uma na região sul do estado (Varginha). A escolha dessas cidades se deu por serem representativas das regiões mineiras em que se localizam, com população de mais de cem mil habitantes, e estarem incluídas entre as que usam a realização retroflexa para o /R/, segundo estudos de Zágari e colegas (1977), retomados por Zágari (2005). O trabalho de Couto (1974) também atestou a presença do retroflexo no falar de um distrito pertencente à cidade de Patos de Minas (distrito de Capelinha). No trabalho de Lourdes (2011), entretanto, foi observado que, na cidade de Patos de Minas, o /R/ de final de sílaba se realiza principalmente como um segmento fricativo, com em outras regiões do estado (centro, norte, Zona da Mata, por exemplo), distinguindo, portanto, este falar dos falares de

<sup>1</sup> A posição de coda silábica será explicada no item 2.1 deste artigo. *Grosso modo*, pode-se também denominar essa posição de posvocálica, ou seja, ocupada por sons que ocorrem após a vogal dentro de uma sílaba.

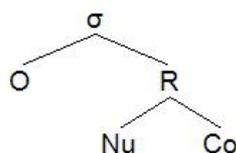
<sup>2</sup> A cidade de Patos de Minas situa-se no Alto Paranaíba e é considerada parte da Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sendo a terceira maior cidade dessa região, superada apenas por Uberlândia e Uberaba.

idades vizinhas situadas no Triângulo Mineiro. Cabe lembrar que a presença do /R/ fricativo também tinha sido atestada no trabalho de Couto (1974) para o distrito de Capelinha. Assim, faz-se necessário observar de forma mais acurada a presença do segmento retroflexo ou de outros segmentos no falar dessas cidades, buscando caracterizar o falar de uma parte de Minas Gerais sob tal aspecto.

## 2 O arqúfonema /R/ e sua realização em coda silábica

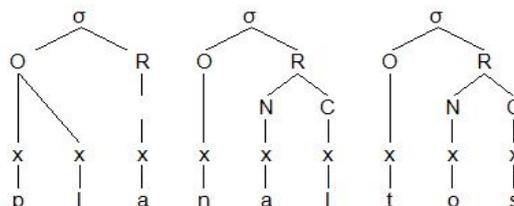
### 2.1 Estrutura da sílaba e coda silábica

A sílaba foi descrita em várias teorias fonológicas de formas diferentes. Neste artigo adotamos a visão silábica da teoria autosegmental (GOLDSMITH, 1990, *apud* SILVA, 2001), em que os elementos silábicos são hierarquizados em diferentes níveis. Nessa definição, a coda silábica é uma posição de um dos constituintes da sílaba, a rima, que compõe a sílaba em conjunto com o *onset* (SELKIRK, 1982). O *onset*, também denominado em português de ataque, precede a rima e pode associar-se a uma ou mais consoantes. Em português, não se admitem vogais assumindo a posição de *onset*, somente consoantes. Em outras línguas, semivogais (também denominadas *glides*) podem assumir essa posição. A rima é a parte estrutural obrigatória da estrutura silábica, decompondo-se em núcleo e coda. No português o núcleo só pode ser associado a vogais. Há línguas em que consoantes líquidas ou semivogais podem preencher essa posição (SILVA, 2001). A coda vem depois do núcleo vocálico ainda na mesma sílaba, e, no português, se associa a algumas consoantes ou (semi)vogais que ocupam essa posição. Na figura 1 pode ser vista a estrutura silábica padrão conforme a teoria autosegmental e na figura 2 temos a palavra “planaltos” com os fonemas já ligados a seus papéis silábicos estruturais.



**Figura 1:** Esquema padrão da estrutura silábica.

**Fonte:** <[http://www.fonologia.org/fonologia\\_modelos\\_naolineares\\_autosegmental.php](http://www.fonologia.org/fonologia_modelos_naolineares_autosegmental.php)>



**Figura 2:** Estruturas silábicas da palavra “planaltos”.

**Fonte:** <[http://www.fonologia.org/fonologia\\_modelos\\_naolineares\\_autosegmental\\_silabificacao.php](http://www.fonologia.org/fonologia_modelos_naolineares_autosegmental_silabificacao.php)>

A posição de coda em português não pode ser ocupada por qualquer dos sons consonantais desse sistema sonoro. Análises fonológicas de cunho estruturalista revelam que a coda é ocupada por fonemas multifuncionais, denominados arquifonemas. No português brasileiro as análises admitem, geralmente, os seguintes fonemas nessa posição: os arquifonemas /R/, /S/, /N/ e /l/. (cf. CAGLIARI, 2002, CALLOU; LEITE, 1990, SILVA, 2001). No caso do arquifonema /R/, as realizações fonéticas apontadas são várias: são registrados sons fricativos (velares e glotais), som tepe e sons retroflexos, no estado de Minas Gerais. Em outras localidades também é atestada uma realização como vibrante, mas não se tem conhecimento dessa realização em Minas. As características articulatórias e acústicas desses sons já atestados nos falares mineiros serão apresentadas a fim de comparar pronúncias dos sons de /R/ nas cidades estudadas.

## 2.2 Descrição articulatória e acústica dos sons atestados na pronúncia do fonema /R/ em posição de coda silábica

Como dito, o fonema /R/ se realiza prioritariamente, no estado de Minas Gerais, como um som fricativo. Articulatoriamente, o som fricativo é produzido com os articuladores tão próximos que formam um ruído ou fricção na articulação desse som, pois há um obstáculo importante à passagem do ar (MARCHAL; REIS, 2012). O fricativo glotal, apontado por Silva (2001) como pronúncia típica de Belo Horizonte, no entanto, é definido como um som em que não ocorre fricção audível no trato vocal, pois a fricção desse som é bastante leve, por ser ele articulado pelas pregas vocais (glote). Os exemplos apresentados por essa autora em coda silábica são quando esse som precede consoante não vozeada, como em ‘carra’, consoante vozeada, como em ‘carrga’, e final de sílaba que coincide com final de palavra, como em ‘marr’. Cabe lembrar que esse

som assimila o vozeamento pelo seu contexto fonético<sup>3</sup>, por isso ora se encontra a fricativa glotal não-vozeada [h], ora se encontra a sua homorgânica vozeada [ɦ]. Alterna com o fricativo glotal o fricativo velar, apontado por Silva (2001) como típico da pronúncia carioca, mas também atestado em outros falares brasileiros (inclusive em alguns falares mineiros). O fricativo velar não-vozeado [x] ou seu correspondente vozeado [ɣ] apresentam fricção mais audível que seus correspondentes glotais, mas a característica articulatória de aproximação dos articuladores, deixando uma estreita passagem para o ar, como no som fricativo glotal, é a mesma.

Além da questão articulatória, faz-se necessário destacar as características acústicas dos sons aqui descritos, uma vez que a gravação (metodologia usada para obtenção de dados nesta pesquisa) somente permite uma análise articulatória por meio da audição dos dados, sem instrumentalização, mas possibilita uma análise acústica dos sons por meio instrumental, o que viabiliza observar características acústicas dos sons produzidos. Essas características, além de servirem à identificação do som produzido, relacionam-se a propriedades articulatórias, permitindo fazer algumas afirmações sobre a articulação desses sons.

Do ponto de vista acústico, os sons fricativos são produzidos com, além da fonte de ar que vem dos pulmões, uma segunda fonte de ressonância, que é criada na fricção gerada pela aproximação dos órgãos articuladores, produzindo ruído ou chiado, em um sinal aperiódico que terá seu ponto de articulação determinado pelo início da frequência do ruído. (MARUSSO, 2005; VIEIRA, 2004).

Outra realização possível do /R/ em coda é o som retroflexo, popularmente denominado /R/ caipira. Em termos de articulação, esse som é descrito como

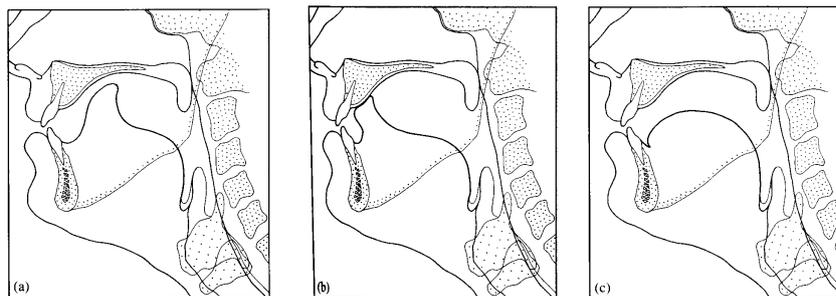
aquele em que a ponta da língua está enrolada até certo ponto. [...] há também os gestos retroflexos em que a ponta da língua está enrolada apenas ligeiramente para cima, formando uma articulação na região

---

<sup>3</sup> Não será objeto de análise neste artigo a assimilação por vozeamento, nem serão feitas distinções entre sons fricativos vozeados e não-vozeados. Nem mesmo o ponto de articulação – velar ou glotal – será levado em consideração; os sons fricativos serão tomados em conjunto na análise proposta.

alveolar ou, mais geralmente, na região pós-alveolar.<sup>4</sup>  
(LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 25)

Entende-se, portanto, que a articulação do /R/ retroflexo difere da articulação dos demais sons consonantais, pois nele a parte inferior (de baixo) da língua toca a região do palato, e não a parte superior, como nos demais sons. Marchal e Reis (2012) mostram que nessa articulação a ponta e a lâmina da língua apresentam forma côncava, retroflexa. A fim de ilustrar essa articulação, apresentamos a figura 3.



**Figura 3:** Visão sagital de três momentos da realização do retroflexo. (a) primeiro estágio – início retroflexo; (b) segundo estágio – fechamento alveolar; (c) terceiro estágio – fim da realização.

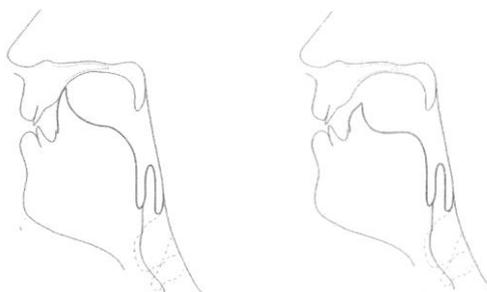
**Fonte:** LAVER, 1994, p. 223.

É importante ressaltar, ainda, que a articulação do /R/ retroflexo no português brasileiro nem sempre é feita ou classificada da mesma forma. Há autores que apontam o retroflexo como um modo de articulação (uma vez que a propriedade modo de articulação é aquela que descreve como os articuladores produzem a obstrução na passagem do ar, e a retroflexão é um modo como a língua está – côncava – no processo de produção desse som), embora, no Alfabeto Fonético Internacional (AFI), os símbolos para consoantes retroflexas estejam enquadrados no que se refere a pontos de articulação (que dizem respeito, na tradição da fonética articulatória, ao lugar em que os articuladores se encontram, e não à sua forma).

O AFI apresenta dois símbolos para sons retroflexos consonantais, um para uma aproximante retroflexa - [ɻ] - e outro para um tepe retroflexo - [ɽ]. A diferença entre esses sons é que na aproximante os articuladores apenas se movimentariam um na direção do outro, aproximando-se sem se tocarem, e no tepe haveria um contato entre eles. A figura 4 ilustra essa diferença que, embora não tenha sido verificada na pesquisa, foi levada em conta na audição, buscando observar se os sons retroflexos encontrados

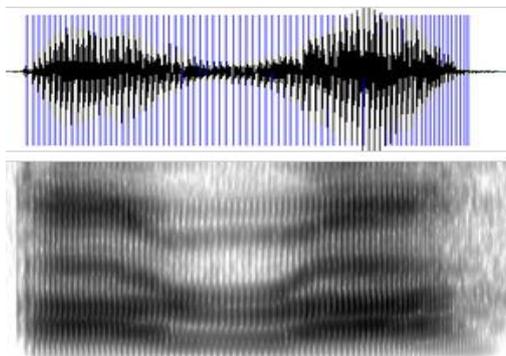
<sup>4</sup> Texto original: “one in which the tip of the tongue is curled up to some extent. [...] there are also retroflex gestures in which the tip of the tongue is curled only slightly upwards, forming an articulation in the alveolar or, more usually, post-alveolar region”. Tradução nossa.

na descrição dos falares listados eram apenas de um dos tipos ou poderiam ser divididos nessas duas categorias de articulação.



**Figura 4:** Consoante tepe retroflexa (imagem à esquerda) e aproximante retroflexa (imagem à direita).  
**Fonte:** MARCHAL; REIS, 2012, p. 147-148.

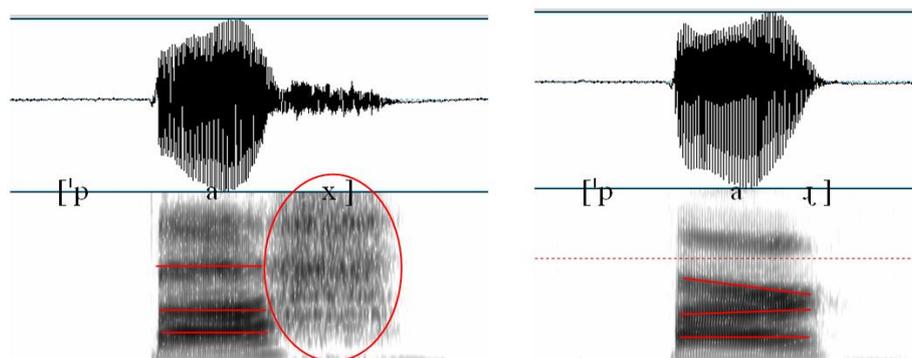
Em relação às características acústicas, o /R/ retroflexo possui propriedades de consoante ressoante, portanto apresenta, no espectrograma, o realce de algumas frequências, que lembram os formantes das vogais. Faz-se identificar, nos espectrogramas, através da transição dos formantes da vogal precedente, principalmente o F2 e o F3 (segundo e terceiro formantes). Cabe lembrar que as transições dos formantes fornecem informações sobre as consoantes adjacentes. (CLARK; YALLOP, 1995). Na figura 5 aparece um espectrograma de /R/ retroflexo entre dois fonemas /a/, mostrando tais características, principalmente o abaixamento do terceiro formante do /a/ que precede o retroflexo.



**Figura 5:** Forma de onda sonora e espectrograma de [a'ɻa].  
**Fonte:** <[http://www.fonologia.org/acustica\\_consoantes.php](http://www.fonologia.org/acustica_consoantes.php)>.

No português brasileiro, a produção do /R/ retroflexo [ɻ] em coda silábica geralmente se alterna com a produção das consoantes fricativas velar ou glotal [x] ou [h]. Assim, no espectrograma, é esse ruído que se refletirá, em vez de formantes como no /R/ retroflexo. A fim de comparar esses sons, apresentamos a figura 6 que mostra a palavra “par” produzida com a fricativa velar [ˈpax] e com o /R/ retroflexo – [ˈpaɻ].

Note-se, como destacado pelas linhas vermelhas, que o som retroflexo influencia o movimento dos formantes da vogal precedente, principalmente o terceiro formante - F3, que sofre um abaixamento notável no final da realização vocálica. Além disso, no som fricativo, fica claro o espectro da fricção, como destacado pelo círculo vermelho.



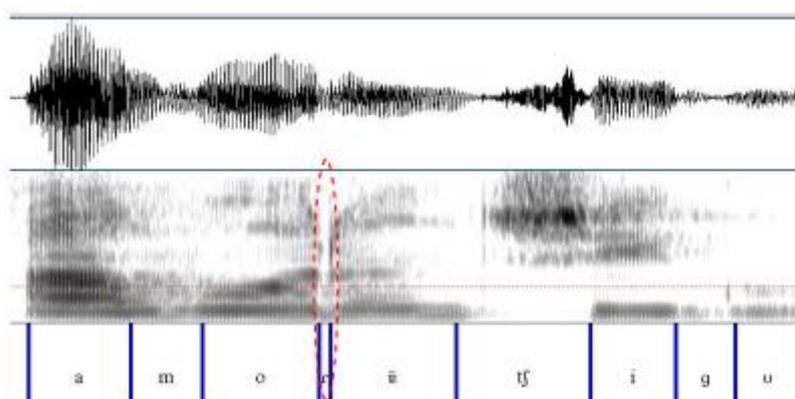
**Figura 6:** Forma de onda sonora e espectrograma da palavra **par** produzida com a fricativa velar (fig. à esquerda) e com a aproximante retroflexa (fig. à direita).

Cabe, por fim, descrever o som tepe, que também pode aparecer como realização do /R/ em coda silábica. Segundo Silva (2001) a aparição desse som em posição de coda é bastante restrita e só se dá em alguns dialetos; para Marchal e Reis (2012) há ocorrência de tepe em coda somente em certos dialetos de São Paulo. No entanto, nos casos em que há ressilabificação e, da posição de coda, na junção das palavras, o fonema /R/ passa a ocupar a posição de ataque, aparece o tepe alveolar [r] no falar mineiro. Assim, esse som será descrito, pois pode aparecer na junção de palavras, como em “amor antigo” → [a, morã'fĩgu], embora nesse caso a posição que o tepe ocupa após a ressilabificação seja de *onset*.

Articulatoriamente, o tepe é descrito como um som em que os articuladores se tocam, uma única vez, de modo muito rápido. Segundo Marchal e Reis (2012, p. 155), “a dinâmica dos gestos articulatórios deve assim ser levada em conta nas distinções de modo articulatório”. Em princípio, a articulação do tepe se assemelha à de uma oclusiva, porque há um fechamento entre os articuladores, mas esse fechamento é tão breve que cria um novo modo de articulação.

Em termos acústicos, a presença do tepe no espectrograma se faz notar por um breve espaço em branco (momento da oclusão). No entanto, como a oclusão desse som é extremamente rápida, o espaço em branco muitas vezes se caracteriza apenas por uma

pequena faixa que, se medida, apresenta entre 15 e 30 milissegundos de duração. A figura 7 ilustra o espectrograma desse som.



**Figura 7:** Onda sonora, espectrograma e segmentação com transcrição de “amor antigo”, com a marcação em vermelho evidenciando as características espectrográficas do tepe [r].

### 3 Uso do /R/ retroflexo nos falares mineiros

Zágari e colegas (1977), visando a descrever as diversidades de falares em Minas Gerais, construíram um esboço de Atlas linguístico com o intuito de caracterizar a fala de cada região mineira. Ao examinar características de pronúncia de determinados sons, os autores dividiram o estado de Minas Gerais em três falares distintos. Essa divisão foi retomada posteriormente por Zágari (2005), que manteve três falares para o estado, como descrito abaixo:

- i) falar baiano – caracterizado principalmente pelo aparecimento de vogais médias-baixas [ɛ] e [ɔ] em sílabas pré-tônicas;
- ii) falar paulista – se caracteriza por apresentar uma realização retroflexa para o /R/ em coda silábica;
- iii) falar mineiro – que não apresenta as características acima.

A figura 8 ilustra a localização desses falares. Por ela pode-se notar que o falar paulista, no qual aparece o /R/ retroflexo, é o que engloba a região sul do estado, bem como a região do Triângulo Mineiro.

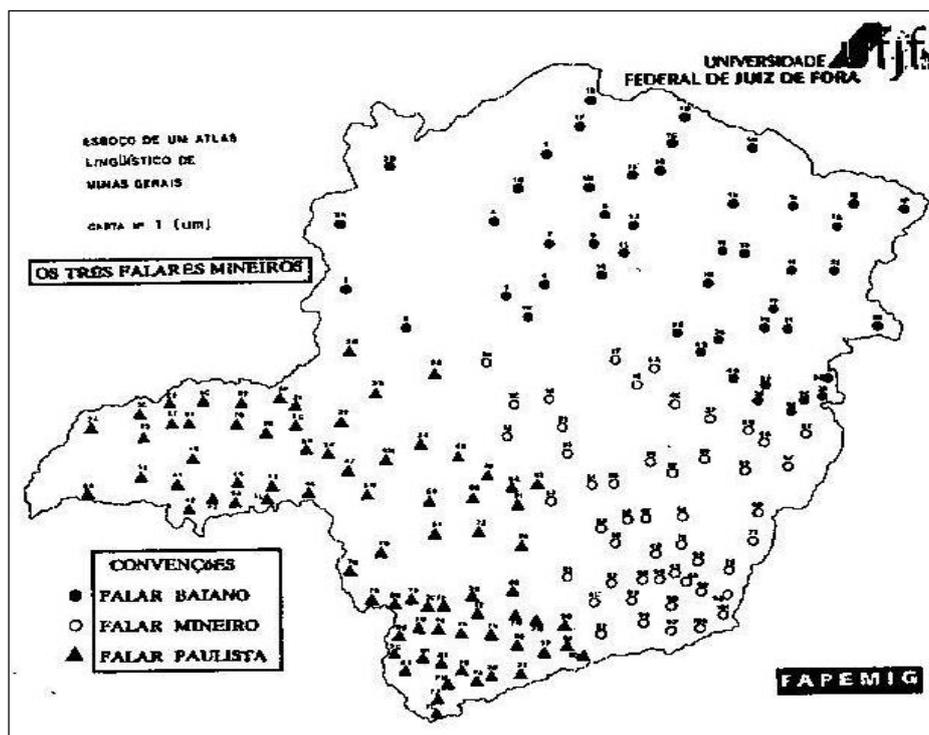


Figura 8: Os três falares mineiros.

Fonte: ZÁGARI, 2005, p. 64.

Hildo Honório do Couto (1974), em pesquisas em um distrito situado no município de Patos de Minas, chamado Capelinha, caracterizou essa região com um falar em que podem ocorrer três tipos de /R/ diferentes em coda: (vibrante simples – ou tepe, retroflexo e fricativa). O autor afirma que uma pessoa pode pronunciar em uma única conversa esses três tipos, sem nenhuma consistência. Como proposta de explicação, o autor diz ser mais viável isso ocorrer por se tratar de uma zona de transição, e, com isso, é natural que ocorram essas três variantes. (COUTO, 1974)

Em trabalho anterior (LOURDES, 2011), ao ouvir dados falados por pessoas de Patos de Minas, pouco se pode perceber a produção de /R/ retroflexo, chegando à conclusão de que o /R/ fricativo foi predominantemente utilizado no *corpus* analisado, que consistiu de quatro entrevistas do projeto ALiB feitas com falantes da cidade de Patos de Minas. O /R/ retroflexo foi produzido muito pouco (em cerca de 15% das palavras com /R/ em coda silábica) e apenas pelas pessoas mais velhas, resultado que difere do esboço de Atlas Linguístico produzido por Zágari e colegas, que caracteriza o uso generalizado do retroflexo nessa região. Além disso, foi possível perceber que a produção de /R/ retroflexo só foi observada em falantes que têm ou tiveram contato

rural e que se identificam de forma positiva ou neutra com a produção do /R/ comumente designada de /R/ caipira.

A partir das diferenças na literatura que descreve o falar de Patos de Minas, esta pesquisa procurou analisar a produção do /R/ nas cidades de Uberlândia, Patos de Minas e Varginha, a fim de caracterizar mais amplamente a realização do /R/ em Patos de Minas e de investigar se em outras duas cidades nas quais se realiza o retroflexo (Uberlândia e Varginha) existe alguma variação na produção do /R/ em coda silábica.

#### 4 Metodologia

A fim de verificar as realizações do /R/ em coda silábica, foram gravados dados de fala de dois informantes de cada cidade, Patos de Minas, Uberlândia e Varginha, um homem e uma mulher, de 18 a 35 anos<sup>5</sup>, e que fossem estudantes do ensino superior<sup>6</sup>. Os dados dos informantes podem ser vistos no quadro 1.

Sujeito	Sexo	Idade	Cidade
Sujeito 1	Masculino	32 anos	Varginha
Sujeito 2	Feminino	23 anos	Varginha
Sujeito 3	Masculino	28 anos	Uberlândia
Sujeito 4	Feminino	26 anos	Uberlândia
Sujeito 5	Masculino	28 anos	Patos de Minas
Sujeito 6	Feminino	19 anos	Patos de Minas

**Quadro 1:** Dados dos informantes da pesquisa.

De modo a obtermos a realização de muitas palavras com o fonema /R/ em coda silábica, optamos por gravar os informantes em duas situações: leitura e fala espontânea. Para maior naturalidade da coleta de dados na leitura, foi feito um questionário com perguntas identificatórias antes dessa etapa, a fim de ambientar pesquisador e informante. Como as gravações foram feitas *in loco*, ou seja, nas cidades pesquisadas, isso também contribuiu para o informante se sentir mais à vontade (o roteiro das gravações pode ser visto em Anexo).

<sup>5</sup> A faixa etária escolhida baseou-se no estudo de Lourdes (2011), que não encontrou, para falantes de faixa etária menor, realização retroflexa para o /R/ em coda em Patos de Minas. O grau de escolaridade foi escolhido por maior facilidade de estudantes universitários responderem à entrevista feita e lerem o texto para gravação.

<sup>6</sup> Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto e foi aprovado: CAAE: 03026612.0.0000.5150. Cada um dos participantes assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com a participação na pesquisa.

O texto escolhido para a leitura foi “Retrato falado do Caboclo D’água” (cf. Anexo. No anexo os /R/ foram destacados para facilitar sua visualização, mas não havia nenhum destaque no texto entregue aos informantes para leitura). A escolha desse texto se deu por dois motivos principais: i) era um texto curto, simples, e com grande presença de /R/ em coda; ii) pelo assunto gerar curiosidade, isso poderia trazer mais naturalidade à leitura do texto. O fato de todos os informantes serem estudantes de nível superior também contribuiu para certa espontaneidade na leitura, pois estudantes universitários têm intimidade com textos escritos. O texto escolhido apresenta 26 palavras com ocorrência de /R/ em coda silábica, sendo apenas cinco dessas palavras verbos no infinitivo. O cuidado de não tomar um texto com muitos verbos no infinitivo se deu porque estudos sociolinguísticos demonstram que essa situação leva ao apagamento do /R/ (cf. MOLLICA e BRAGA, 2007, p. 11), ou seja, não se realiza nenhum som para o fonema /R/ (ex. **falar** pode ser produzido como [fa'la]).

Após a leitura do texto, a entrevista seguiu com questões de reconto do texto e o questionamento sobre outras “lendas” conhecidas pelo informante. Na sequência, foram feitas questões referentes ao tempo livre do informante e a respeito das impressões linguísticas dos falantes a respeito de como falam. Nessa segunda parte das gravações esperou-se uma fala menos monitorada, mais natural por parte dos informantes da pesquisa.

Para a gravação dos dados foi utilizado o software *Praat*<sup>7</sup> e um microfone de cabeça, posicionado a aproximadamente 5cm da boca do informante. Depois da coleta de dados, o primeiro passo de análise foi ouvir todas as entrevistas para a impressão inicial dos tipos de /R/ que foram falados; o segundo foi selecionar todas as palavras com /R/ em final de sílaba e fazer uma transcrição e análise, em um quadro, identificando qual tipo de som foi produzido (retroflexo, fricativo ou tepe) ou se havia apagamento desse som; em que posição silábica se produziu o /R/ (meio ou final de palavra); em seguida analisou-se se a sílaba com o /R/ em coda era tônica ou átona; depois verificou-se qual era o som precedente e qual era o som seguinte ao /R/ - se se

---

<sup>7</sup> O software Praat é um software para análise acústica da voz e também permite registros, edições, síntese de fala. Esse software, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink é gratuito e pode ser obtido pelo endereço <[www.praat.org](http://www.praat.org)>.

tratava de consoante ou vogal - e por fim analisou-se o contexto, se o informante produziu o /R/ na leitura do texto ou em fala espontânea.

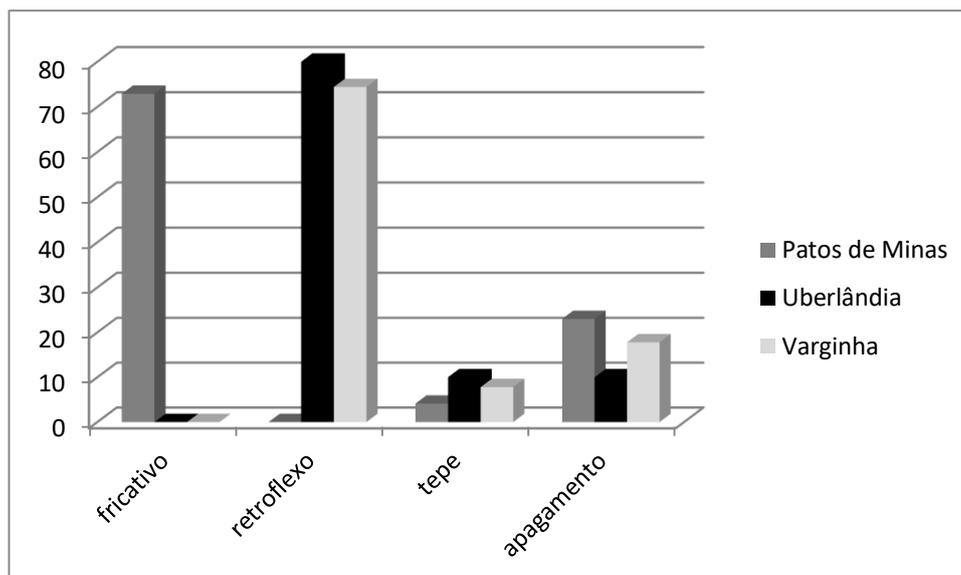
A última etapa de análise foi verificar, por meio de análise acústica feita no software Praat, se os sons fricativos, tepes e retroflexos apresentavam as características acústicas esperadas para cada uma das categorias. Para isso as palavras transcritas e analisadas foram submetidas à análise espectrográfica.

## 5 Resultados e discussão

A partir da análise auditiva geral dos dados obtidos, observou-se que, nas cidades de Varginha e Uberlândia, o /R/ realizado é majoritariamente o retroflexo, assim como proposto por Zágari (2005). Já em Patos de Minas, o retroflexo não apareceu nos dados aqui obtidos, como já mostrado em Lourdes (2011). A realização predominante do /R/ nessa cidade é fricativa. Nas três cidades, observa-se ainda que uma parte dos fonemas /R/ foi apagada ou produzida como tepe (os contextos dessa produção serão discutidos mais à frente). A tabela 1 e o gráfico 1 apresentam os dados de ocorrência por tipo de realização fonética e por cidade.

Tipo de /R/	Patos de Minas	
	Ocorrências	Porcentagem
Fricativo	54/74	72,9%
Retroflexo	0/74	0%
Tepe	3/74	4,1%
Apagamento (ø)	17/74	23%
Tipo de /R/	Uberlândia	
	Ocorrências	Porcentagem
Fricativo	0/60	0%
Retroflexo	48/60	80%
Tepe	6/60	10%
Apagamento (ø)	6/60	10%
Tipo de /R/	Varginha	
	Ocorrências	Porcentagem
Fricativo	0/90	0%
Retroflexo	67/90	74,4%
Tepe	7/90	7,8%
Apagamento (ø)	16/90	17,8%

**Tabela 1:** Ocorrências de realizações fricativas, retroflexas, tepes e apagamento do fonema /R/ em coda, em número e porcentagem, nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha.



**Gráfico 1:** Tipo de realização fonética do /R/ por cidade

Na tabela 1 e no gráfico 1 podemos observar os tipos de /R/ produzidos em cada região. Em Patos de Minas a realização por excelência foi da variante fricativa, a qual não foi produzida em Uberlândia ou Varginha. Nessas duas cidades o /R/ mais produzido foi o retroflexo. Quanto à qualidade retroflexa, auditivamente foi percebido o retroflexo aproximante, ou seja, aquele em que os articuladores não se tocam, mas apenas se aproximam, em ambas as cidades em que a retroflexão de /R/ ocorreu.

Outro fator social estudado nesta pesquisa e que poderia ter influenciado na produção dos sons retroflexos foi o sexo. Homens e mulheres, no entanto, tiveram produções semelhantes, em cada localidade. Com exceção do informante masculino de Patos de Minas, que teve sua fala diferenciada da feminina por não produzir o som tepe (mas que produziu igualmente sons fricativos e apagamentos), nas demais cidades (Uberlândia e Varginha) tanto o informante do sexo masculino quanto o do sexo feminino produziram proporcionalmente as três realizações encontradas: apagamento, retroflexo e tepe.

O registro das falas foi dividido em dois momentos: leitura de um texto (fala mais monitorada) e entrevista (fala menos monitorada). Foi analisado em que momento ocorreu a produção do /R/, se na leitura ou se na fala espontânea. Vale lembrar que em falas mais espontâneas as pessoas costumam não prestar atenção em como estão falando e, em falas mais monitoradas, como a leitura, as pessoas costumam prestar mais atenção

em como falam, já que cognitivamente a tarefa de planejar o que falar é menor, pois o material a ser lido já está pronto. Diante disso, podemos observar na tabela 2 que as pessoas fazem mais apagamento do /R/ em falas espontâneas do que nas leituras e tendem a produzir mais o som tepe na leitura (o planejamento e a ligação das palavras é mais ocorrente) do que na fala espontânea, porém não há muita diferença nos valores quando se trata da produção de som fricativo ou retroflexo. Essas são observações pontuais, no entanto, já que nenhuma comparação mais sistemática ou análise estatística foram feitas para verificar diferenças entre fala espontânea e leitura nessa pesquisa.

Tipo de /R/	Leitura		Fala espontânea	
	Patos de Minas			
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Fricativo	37/50	74%	17/24	70,8%
Retroflexo	0/50	0%	0/24	0%
Tepe	3/50	6%	0/24	0%
Apagamento (ø)	10/50	20%	7/24	29,2%
Tipo de /R/	Uberlândia			
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
	Fricativo	0/50	0%	0/10
Retroflexo	39/50	78%	9/10	90%
Tepe	6/50	12%	1/10	10%
Apagamento (ø)	5/50	10%	0/10	0%
Tipo de /R/	Varginha			
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
	Fricativo	0/50	0%	0/40
Retroflexo	39/50	78%	28/40	70%
Tepe	5/50	10%	2/40	5%
Apagamento (ø)	6/50	12%	10/40	25%

**Tabela 2:** Ocorrências de fricativas, retroflexas, tepes e apagamento do fonema /R/ em coda, em número e porcentagem, nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha, divididos por contexto de leitura ou fala espontânea (entrevista).

Também foi analisada a posição do /R/, quando produzido, se estava no meio ou no final da palavra, levando em consideração que em meio de palavra não deve haver apagamento. Em todos os casos o apagamento só ocorreu quando o ambiente era final de palavra, por isso há mais ocorrência do /R/, com as demais variantes (retroflexa e fricativa), em meio de palavra que em final. Isso pode ser observado na tabela 3.

Tipo de /R/	Meio de palavra		Final de Palavra	
	Patos de Minas			
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Fricativo	37/54	68,5%	17/54	31,5%
Retroflexo	0/0	0%	0/0	0%
Tepe	0/3	0%	3/3	100%
Apagamento (ø)	0/17	0%	17/17	100%

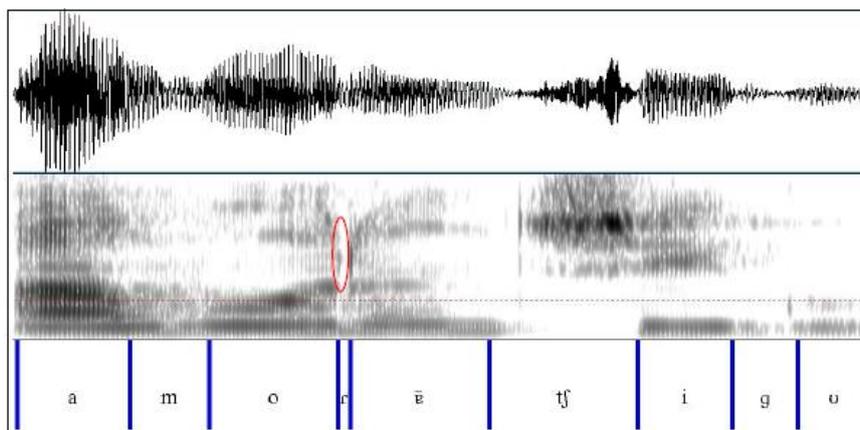
Tipo de /R/	Uberlândia			
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
	Fricativo	0/0	0%	0/0
Retroflexo	34/48	70,8%	14/48	29,2%
Tepe	0/6	0%	6/6	100%
Apagamento (ø)	0/6	0%	6/6	100%

Tipo de /R/	Meio de palavra		Final de Palavra	
	Varginha			
	Ocorrências	Porcentagem	Ocorrências	Porcentagem
Fricativo	0/0	0%	0/0	0%
Retroflexo	50/67	74,6	17/67	25,4%
Tepe	0/7	0%	7/7	100%
Apagamento (ø)	0/16	0%	16/16	100%

**Tabela 3:** Ocorrências de fricativas, retroflexas, tepe e apagamento do fonema /R/ em coda, em número e porcentagem, nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha, em meio ou final de palavra.

Como é possível observar na tabela 3, o tepe não apareceu em coda, a não ser em final de palavra. Segundo Silva (2011), a produção do tepe em final de sílaba se realiza em poucos dialetos. Um lugar em que podemos observar essa produção é em São Paulo capital, por exemplo. No caso dessa pesquisa, o tepe só apareceu quando houve junção de palavras, como no exemplo [a,morã'tʃigu], pronunciado por um dos informantes, em fala espontânea, mostrado abaixo, quando há uma palavra com /R/ no final e a próxima palavra começa com uma vogal, como podemos observar no espectrograma da figura 9.



**Figura 9:** Onda sonora, espectrograma, segmentação e transcrição de “amor antigo”, em que o fonema /R/ se realiza como tepe, como destacado em vermelho no espectrograma. Palavras produzidas por informante do sexo masculino da cidade de Uberlândia.

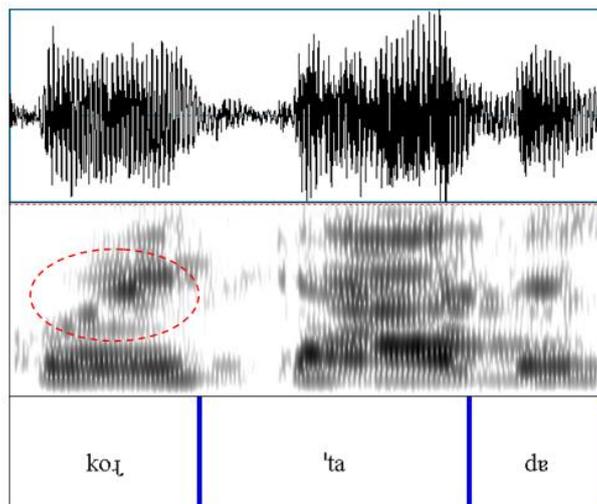
Também é possível notar que o tepe ocorre somente quando o som seguinte é uma vogal, ou seja, comprova-se sua ocorrência somente quando há reestruturação silábica e esse som passa, da posição de coda silábica, à posição de *onset* (TENANI, 2002).

Separando os casos de apagamento e de realização de tepe, pode-se observar que a realização do fonema /R/ como fricativo ou retroflexo não é influenciada por registro (leitura ou fala espontânea) nem por posição na palavra (meio ou final de palavra) nos dados aqui analisados, mas ocorre em todas essas situações dependendo apenas da cidade do informante.

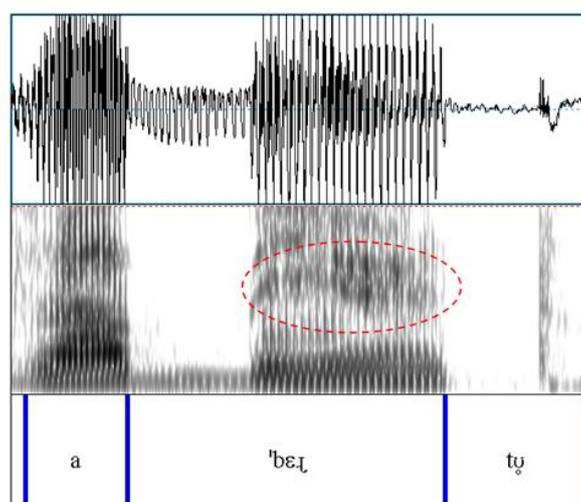
As análises realizadas confirmaram a ocorrência do retroflexo em duas cidades, Uberlândia e Varginha, enquanto em Patos de Minas não ocorreu a produção desse som, mas somente a realização fricativa do /R/ em coda. Os contextos linguísticos, com exceção da sequência de vogal, que levou à produção de tepe, e do final de palavra que levaram à produção do tepe ou ao apagamento, não influenciaram no uso de variante retroflexa ou fricativa nos dados analisados nesta pesquisa.

Pode-se perceber, portanto, que o uso do retroflexo está ligado a uma variação de cunho diatópico, ou seja, é o fato de pertencer a uma localidade que influencia o aparecimento da variante retroflexa de produção do fonema /R/ em coda silábica.

Quanto à análise acústica, pode-se perceber que, nas duas cidades em foi feito uso do retroflexo, Uberlândia e Varginha, as produções do retroflexo existentes foram as esperadas. As figuras 10 e 11 trazem exemplos de palavras produzidas com retroflexo, uma de Uberlândia e uma de Varginha.

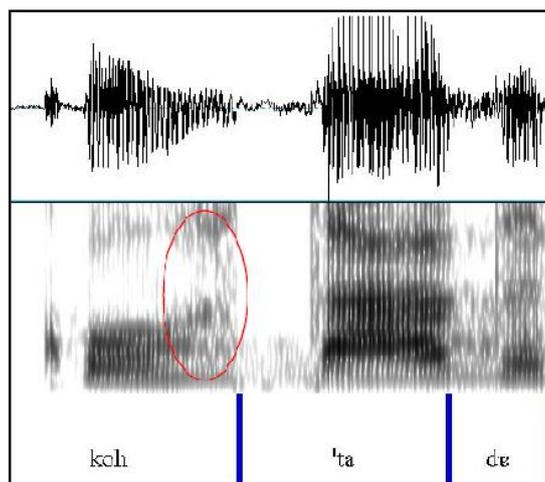


**Figura 10:** Onda sonora, espectrograma, segmentação silábica e transcrição de “cortada”, em que o fonema /R/ se realiza como retroflexo (o destaque em vermelho mostra a movimentação dos formantes F2 e F3). Palavra produzida por informante do sexo feminino da cidade de Uberlândia.

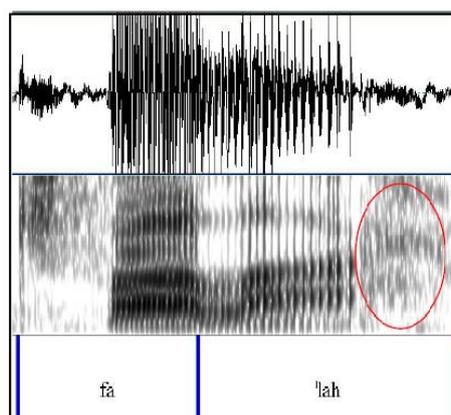


**Figura 11:** Onda sonora, espectrograma, segmentação silábica e transcrição de “aberto”, em que o fonema /R/ se realiza como retroflexo (o destaque em vermelho mostra a movimentação dos formantes F2 e F3). Palavra produzida por informante do sexo masculino da cidade de Varginha.

As produções do /R/ fricativo, o mais produzido pelos informantes de Patos de Minas, também foram as esperadas, como podemos observar no espectrograma das figuras 12 e 13, que ilustram essa realização fonética.



**Figura 12:** Onda sonora, espectrograma, segmentação silábica e transcrição de “cortada”, em que o fonema /R/ se realiza como fricativo (o destaque em vermelho mostra o ruído gerado pela fricção). Palavra produzida por informante do sexo feminino da cidade de Patos de Minas.



**Figura 13:** Onda sonora, espectrograma, segmentação silábica e transcrição de “falar”, em que o fonema /R/ se realiza como fricativo (o destaque em vermelho mostra o ruído gerado pela fricção). Palavra produzida por informante do sexo masculino da cidade de Patos de Minas.

Como é possível observar nas figuras mostradas, o retroflexo se nota no espectrograma como transição dos formantes da vogal precedente, enquanto o fricativo aparece como chuviscos, demonstrando o escape de ar turbulento da produção desses sons.

### Considerações finais

Este artigo procurou analisar os tipos de /R/ produzidos em três cidades mineiras, Patos de Minas, Uberlândia e Varginha, partindo do Esboço de Atlas Linguístico de Minas Gerais proposto por Zágari e colegas, em que constava que a

produção do erre em final de sílaba nessa região seria, predominantemente, a do retroflexo, característica principal do falar “caipira”. Pela localização dessas cidades, mais próximas ao interior paulista, é comum as pessoas apresentarem em suas falas características que não sejam de seu estado, já que possuem mais contato com o falar do outro lugar. Entretanto, pode-se observar que em Patos de Minas, o /R/ predominante é o fricativo, como aponta Lourdes (2011), variante também encontrada no trabalho de Couto (1974). Em Varginha e Uberlândia há, predominantemente, a produção do retroflexo como aponta a pesquisa realizada por Zágari, porém em Patos de Minas a realização fonética mais presente é a fricativa.

É necessário ressaltar que a pesquisa realizada por Zágari e colegas foi feita em 1977 e já se passaram muitos anos desde a coleta de dados realizada. A língua vive em processo de mudança, e o fato de algumas regiões manterem uma ou outra forma de falar se deve à variação linguística, como apontam Mollica e Braga:

As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos ou podem sofrer mudança quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso. (MOLLICA e BRAGA, 2007, p. 11)

Isso pode indicar que o falar de Patos de Minas encontra-se em estado de mudança em progresso, até porque, segundo a pesquisa de Lourdes (2011), apenas as pessoas mais velhas fizeram uso do retroflexo e ainda poucas vezes, o que sugere que esse tipo de /R/ tenha se perdido com o tempo. Isso explicaria a diferença entre o estudo de Zágari (2005) e o atual para o falar patense: na época da coleta de dados de Zágari, os falantes poderiam usar mais o retroflexo que atualmente.

Outro fator a se levar em consideração é a metodologia utilizada. A pesquisa de Zágari partiu da transcrição de observações de fala, com alguns registros, diferente de nossa observação, feita por meio de gravação de leitura e entrevista. Os métodos empregados podem também influenciar nas diferenças de resultados entre essa pesquisa e as de Zágari (2005).

Outro motivo de não termos encontrado produção de retroflexo em Patos Minas pode ser a identificação ou não identificação do falante com seu próprio falar. Como há um

preconceito forte com relação ao uso retroflexo (tanto que é denominado como som típico de um falar “caipira”, o qual, para muitos, é um falar errado, ou pior que os demais), esse estigma em relação a esse som pode levar as pessoas a adotarem outra forma de falar.

É interessante acrescentar que, quando perguntados sobre sua forma de falar, os patenses não se manifestaram quanto ao uso do retroflexo, já que esse som não ocorre na fala deles. No entanto, no depoimento da informante de Uberlândia, houve uma manifestação de juízo de valor, uma vez que designa a forma de falar dessa cidade como feia, caipira, devido à presença do som retroflexo. Por outro lado, os falantes de Varginha não disseram ter vergonha de sua forma de falar, com uso do retroflexo. Ao contrário, um dos informantes disse gostar de falar assim.

Ainda uma possível causa apontada para a produção exclusiva de fricativos em Patos Minas em nossos dados é que a diminuição da produção do retroflexo esteja ligada à influência dos meios de comunicação ou até mesmo de convivência com outras comunidades de fala, mas, como isso não foi objeto de nossa investigação, deixamos aqui como sugestão para que futuras pesquisas investiguem esse aspecto.

Outra sugestão de pesquisa que apresentamos é o aprofundamento da investigação fonética do uso do retroflexo nas localidades em que aparece, verificando se esse som é um tepe ou uma aproximante; se sofre influências de contexto fonético ou se varia de acordo com o estilo de fala ou outros fatores sociais. Como os dados aqui analisados são restritos (apenas dois informantes de cada cidade), uma investigação mais abrangente pode auxiliar na caracterização dos falares mineiros quanto às realizações do /R/.

## Referências

- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação a Fonética e Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CLARK, J.; YALLOP, C. *An introduction to phonetics and phonology*. 2. ed. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COUTO, H. H. do. *O Falar Capelinhense: uma visão sociolinguística*. Londrina: [s n], 1974. [mimeo]

GOLDSMITH, J. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Blackwell publishers, 1990. *apud* CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LAVIER, J. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LOURDES, R. L. de. *A produção do /R/ retroflexo no falar de Patos de Minas*. Relatório de Iniciação Científica, sob orientação de Leandra Batista Antunes. Ouro Preto: UFOP, 2011. [manuscr.]

MARCHAL, A.; REIS, C. *Produção da fala*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

MARUSSO, A. Princípios básicos da teoria acústica de produção da fala. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 19-43, jan/jun 2005.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, V. D. *The structure of phonological representations* (part. II). Foris: Dordrecht, 1982.

TENANI, L. Domínios prosódicos e processos de reestruturação silábica. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 32, 2002. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci148.htm>>. Acesso em mar. 2012.

VIEIRA, M. N. *Princípios da Produção e Análise de Voz*. XV Escola de Inverno da UFMG. ICEX/UFMG: Departamento de Física, 2004. [mimeo]

ZÁGARI, M. R. L. et. al. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Ed. UEL, 2005.

## ANEXO – Roteiro para gravações

### 1. Perguntas de identificação

- Qual o seu nome completo?
- Qual sua idade?
- Onde você nasceu?
- Onde você morou por mais tempo?

### 2. Leitura do texto:

#### Retrato falado do Caboclo d'Água

A divulgação da aparição do Caboclo d'Água, o bicho que está trazendo terror na região de Barra Longa, Mariana e Ouro Preto, cidades do interior de Minas Gerais, está dando o que falar.

Barra Longa, localizada a aproximadamente 172 quilômetros da capital Belo Horizonte, com um pouco mais de 6.000 habitantes, cortada pelo Rio Gualacho, se tornou o local de referência da aparição do tão falado Caboclo d'Água.

De acordo com o relato das diversas pessoas que asseguram terem visto o bicho, que está causando pavor, o Caboclo d'Água é uma mistura de pássaro, galinha, macaco e lagartixa, inclusive, já foi feito até um RETRATO FALADO que já circula por toda a região.

O assunto tem tido tanta repercussão que a “Associação dos caçadores de fantasmas” da região está oferecendo uma recompensa no valor de R\$ 14.000,00 para a pessoa que conseguir uma foto do assustador e aterrorizante Caboclo d'Água.

A “Associação dos caçadores de fantasmas” da região foi fundada há mais ou menos 1 ano e meio pelo Professor Milton Brigolini. A associação, composta por diversas pessoas, visa investigar os diversos relatos de aparições de criaturas estranhas em toda a região de Mariana, Ouro Preto, Barra Longa e adjacências.

Diversos locais da aparição do Caboclo d'Água já foram mapeados pela “Associação dos caçadores de fantasmas” que estão usando diversos aparelhos para tentar localizá-lo, dentre eles: armadilhas, rádios, câmeras, laser, e até GPS.

A associação se reúne regularmente e os encontros são secretos para não chamar a atenção das assombrações.

Texto adaptado de <<http://www.portalmariana.org/cidades/mariana-mg/a-verdade-sobre-o-caboclo-dagua/>>. Acesso em maio de 2012.

### 3. Reconto do texto e outras “lendas”

- Você já ouviu falar da história do Caboclo d'água?
- Em que meio de comunicação?
- Na sua cidade há também relatos de casos como esse?

### 4. Questões referentes ao tempo livre e impressões linguísticas dos falantes a respeito de como falam

- O que você faz?
- O que gosta de fazer no tempo livre?
- O que você vê de diferente no seu modo de falar e no modo de falar das pessoas de Mariana?
- O que você acha do modo de falar da sua região?
- Você já ouviu algum comentário negativo por causa do seu modo de falar? Por que, na sua opinião?

Recebido em: 30/09/2016

Aceito em: 17/12/2016